

RECORTE

ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE RECORTES DA IMPRENSA, LDA.
80 ANOS AO SERVIÇO DA INFORMAÇÃO ESCRITA

Público

Lisboa

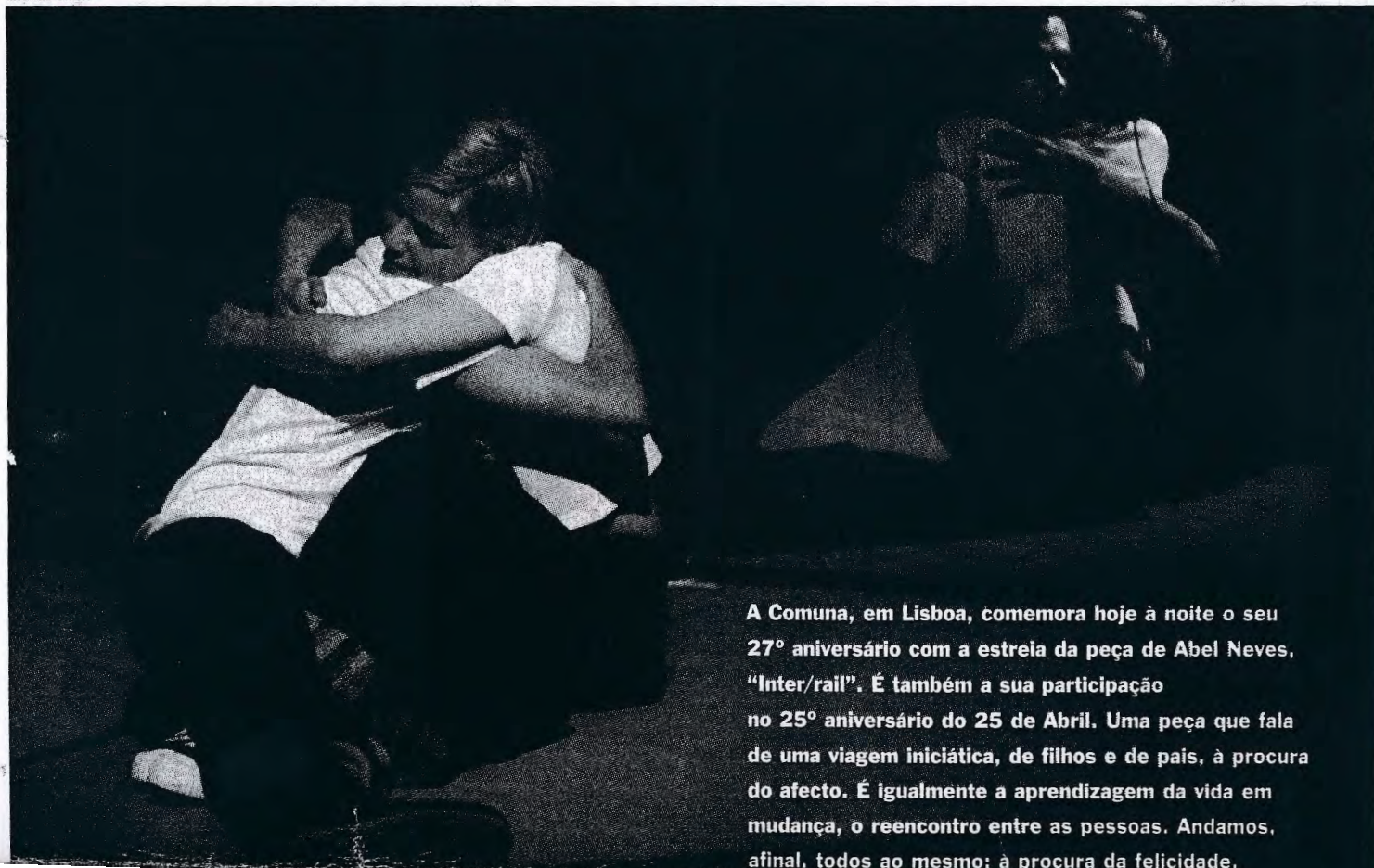
330

Edição nº 003331 de 30/04/99

8

Teatro

MIGUEL SILVA



A Comuna, em Lisboa, comemora hoje à noite o seu 27º aniversário com a estreia da peça de Abel Neves, "Inter/rail". É também a sua participação no 25º aniversário do 25 de Abril. Uma peça que fala de uma viagem iniciática, de filhos e de pais, à procura do afecto. É igualmente a aprendizagem da vida em mudança, o reencontro entre as pessoas. Andamos, afinal, todos ao mesmo: à procura da felicidade.

VIAGEM AO PRINCÍPIO DO SONHO

Rui Ferreira e Sousa

ONDE FICA NARVIK? Ninguém sabe, a não ser o jovem personagem Maio que trabalha numa empresa de distribuição de flores e tem hoje vinte anos. Narvik, porém, existe. Fica na Noruega. Abel Neves, o autor, foi lá no Verão de 1976 e lembra-se do chefe de estação de Skoppum que, diariamente, após a passagem do último comboio, deitava água nos vasos de flores da plataforma.

Narvik pode ser também o paraíso ou o inferno, o lugar de encontro e de fuga, a terra da sabedoria, ou apenas, metaforicamente, o microcosmos onde cada um de nós vive, a nossa casa, o sítio da areia onde estamos sentados com o

que marcasse a data da Revolução dos Cravos. O autor, porém, é avesso a festejos e criou um texto sem referências directas àquela data, nem ela foi a sua grande motivação. A peça chama-se "Inter/rail" e estreia-se hoje, na Comuna, às 21h30.

Abel Neves, nascido em Montalegre, emigrante em Lisboa, disse ao PÚBLICO que de festejos só gosta dos de São João da Fraga, de Pitões das Júnias. O que o dramaturgo decidiu criar foi um texto não sobre a data do 25 de Abril, mas um texto que, sem trair o espírito da revolução e o desejo comemorativo da Comuna, falasse sobretudo dos filhos e dos pais que vivem na procura do mesmo: o afecto. Trata-se, segundo o autor, de um cruzamento de

resultado", disse Abel Neves.

A pergunta formulada acima pode então ser respondida com outra pergunta: O que é que não tem hoje a ver com o 25 de Abril?

É neste contexto amplo que a peça acertou no alvo: tema dos afectos, procura de saídas, personagens jovens, representadas por um naipe de actores jovens, encenadas por um jovem encenador, o actor Álvaro Correia (tinha 6 anos no 25 de Abril), que havia já brilhado com o seu trabalho cénico em "O Voo das Borboletas", em Janeiro de 1998, uma peça de Luís Fonseca sobre a fim das ideologias, a instabilidade dos afectos, a geração do vazio.

Aliás, a ligação temática e cénica entre as duas peças, "In-

das Borboletas" o processo dramático está sustentado num vazio geracional sem resolução, é mais uma deriva sem luz no fim de túnel, em "Inter/rail" há uma procura de estabilidade emocional, conseguida no final pelo reencontro inesperado e optimista das personagens entre si, não em Narvik, na terra do sonho, mas à porta de suas casas, acampados numa praia, muito perto do Alentejo.

Álvaro Correia disse ao PÚBLICO que pegou na peça pelo lado simbólico e onírico, aproveitando as referências recorrentes do autor à Flauta Mágica, de Mozart (nomeadamente às personagens de Papageno, tratador de aves ao serviço da Rainha da Noite, e Sarastro, sa-

nha actividade de encenador, a terceira etapa da minha viagem iniciática, que caminha juntamente com o percurso iniciático na aprendizagem da liberdade e da democracia", disse Álvaro Correia.

A Comuna realiza também hoje algumas iniciativas alusivas ao seu 27º aniversário. Às 18h, será lançado o texto da peça de Abel Neves, editado pela Cotovia. A seguir ao espectáculo, à meia-noite, abrir-se-á o bolo de parabéns e actuarão, no café-teatro, Zé Salgueiro e Troupe Boomerang. Pela madrugada é a vez de Bossa Nova com Célio Bularmiqui ao violão e Teresa Velez na voz, animarem a festa da Comuna.

INTER/RAIL

ONDE FICA NARVIK? Ninguém sabe, a não ser o jovem personagem Maio que trabalha numa empresa de distribuição de flores e tem hoje vinte anos. Narvik, porém, existe. Fica na Noruega. Abel Neves, o autor, foi lá no Verão de 1976 e lembra-se do chefe de estação de Skoppum que, diariamente, após a passagem do último comboio, deitava água nos vasos de flores da plataforma.

Narvik pode ser também o paraíso ou o inferno, o lugar de encontro e de fuga, a terra da sabedoria, ou apenas, metafóricamente, o microcosmos onde cada um de nós vive, a nossa casa, o sítio da areia onde estamos sentados com o imenso mar em frente, o momento temporal e geográfico que elegemos para amar alguém ou para trair o outro. Narvik é a representação do caminho que toda a gente tem de percorrer até encontrar a felicidade.

Pergunta-se: o que tem isto a ver com o 25 de Abril? João Mota convidou Abel Neves para escrever uma peça sobre Abril

ção dos Cravos. O autor, porém, é avesso a festejos e criou um texto sem referências directas àquela data, nem ela, a sua grande motivação. A peça chama-se "Inter/rail" e estreia-se hoje, na Comuna, às 21h30.

Abel Neves, nascido em Montalegre, emigrante em Lisboa, disse ao PÚBLICO que os festejos só gosta dos de São João da Fraga, de Pitões das Júnias. O que o dramaturgo decidiu criar foi um texto não sobre a data do 25 de Abril, mas um texto que, sem trair o espírito da revolução e o desejo comemorativo da Comuna, falasse sobretudo dos filhos e dos pais que vivem na procura do mesmo: o afecto. Trata-se, segundo o autor, de um cruzamento de gente nova e gente mais velha, numa viagem (inter/rail ou podia ser internet) pelo universo, por etapas, a caminho do sonho e da maturidade, um texto que retoma um fôlego e uma luminosidade próprias nas mãos de um grupo de actores e técnicos muitos bons. "Para mim, o texto que fiz acabou de sair da mortificação para a vivificação e estou muito satisfeito com o

a pergunta formulada acima pode então ser respondida com outra pergunta: O que é que não tem hoje a ver com o 25 de Abril?

É neste contexto amplo que a peça acertou no alvo: tema dos afectos, procura de saídas, personagens jovens, representadas por um naipe de actores jovens, encenadas por um jovem encenador, o actor Álvaro Correia (tinha 6 anos no 25 de Abril), que havia já brilhado com o seu trabalho cénico em "O Voo das Borboletas", em Janeiro de 1998, uma peça de Luís Fonseca sobre a fim das ideologias, a instabilidade dos afectos, a geração do vazio.

Aliás, a ligação temática e cénica entre as duas peças, "Inter/rail" e "O Voo das Borboletas", é curiosa, mas foi uma coincidência porque Álvaro Correia não participou na feitura da peça de Abel Neves, nem este pensou naquela no momento da escrita. O facto é que ambas tratam de conflitos existenciais entre jovens e de saídas para essa existência conturbada. Com uma diferença abismal. Enquanto que em "Voo

matúrgico" esta sustentada num vazio geracional sem resolução, é mais uma derivada sem luz no fim de túnel. "Inter/rail" há uma procura de estabilidade emocional, conseguida no final pelo reencontro inesperado e optimista das personagens entre si, não em Narvik, na terra do sonho, mas à porta de suas casas, acampados numa praia, muito perto do Alentejo.

Álvaro Correia disse ao PÚBLICO que pegou na peça pelo lado simbólico e onírico, aproveitando as referências recorrentes do autor à Flauta Mágica, de Mozart (nomeadamente às personagens de Papageno, tratador de aves ao serviço da Rainha da Noite, e Sarastro, sacerdote do sol, antagonista da mesa rainha), ópera que é também iniciática, assumidamente maçónica.

"Esta peça tem uma carga poética muito forte e uma dimensão cósmica. Possui uma relação constante entre o real e o onírico e entre o real com os arquétipos do inconsciente colectivo, o que me agrada. E é igualmente o recomeço da mi-

terceira etapa da minha viagem iniciática, que caminha juntamente com o percurso iniciático na aprendizagem da liberdade e da democracia", disse Álvaro Correia.

A Comuna realiza também hoje algumas iniciativas alusivas ao seu 27º aniversário. Às 18h, será lançado o texto da peça de Abel Neves, editado pela Cotovia. A seguir ao espectáculo, à meia-noite, abrir-se-á o bolo de parabéns e actuarão, no café-teatro, Zé Salgueiro e Troupe Boomerang. Pela madrugada é a vez de Bossa Nova com Célio Bularmiqui ao violão e Teresa Velez na voz, animarem a festa da Comuna.

INTER/RAIL

de Abel Neves

Encenação de Álvaro Correia
Cenografia e figurinos de Luís Santos; desenho de luz de Paulo Graça; direcção musical de José Pedro Caiado; interpretação de Hugo Sequeira, Margarida Cardeal, Carlos Oliveira, João Tempera, Joana Seixas, Joana Brandão, Alfredo Brissos, Alexandre Lopes, Miguel Sermão, Isabel Abreu, Manuela Couto e Victor Soares.

LISBOA, Comuna, estreia hoje e amanhã (com entrada livre) às 21h30; 4ª a sáb. às 21h30, dom. às 17h